

Michel Serres

*O novo Zenão em:*

SERRES, Michel. *Hermes V: le passage du Nord-Ouest*. Paris: Minuit, 1980. p 11-14.

Zenão partiu de Atenas a fim de embarcar para Eleia. Era o tempo em que a terra era virgem de rotas e a costa privada de portos. Ele se lançou neste espaço novo. Chegado no meio de sua viagem, ele se lembrou de seus cálculos, uma angústia o tomou. Não pensemos nisso, disse ele, talvez seja um sonho. Era fatal que ele chegasse, pouco depois, bem no meio do que lhe restava de rota e seu mal estar se agravou. E pesou mais ainda no meio do terceiro segmento; ele sentiu, subitamente, o infinito desses meios, adiante, correr sob suas sandálias... Zenão chega, não chega, Zenão chegará?

Zenão partiu de Atenas a fim de embarcar para Eleia. Algumas tartarugas se arrastavam na poeira da terra, flechas voavam no ar. Antes de chegar na metade de seu esforço, mediu a terça parte do espaço, ele variava um pouco seu pensamento para matar o tempo. Era fatal que ele chegasse, pouco depois à terça parte do que lhe restava de rota. E ele viu, alinhadas adiante, a cadeia infinita destas terças partes que o aguardavam, interminável... Zenão passa, não passa, Zenão passará?

Zenão partiu de Atenas a fim de embarcar para Eleia. Mal havia apoiado um pé, que era ágil, diante do outro, ele se pôs a devanear sobre as miríades, e ainda mais, maneiras de dividir em partes sua viagem e de recomeçar. Antes de passar o marco do meio, disse a si mesmo, aparece o marco da terça parte, antes da terça parte, a quarta parte; antes da quarta parte... a décima milésima parte, assim tanto quanto se queira. Zenão parte, não parte, Zenão partirá?

Recortando seu trajeto em frações, descobrira que o espaço se assemelha ao espaço, que a similitude aí reina e, como se diz, a representação. Este espaço qualquer atravessado, se representará. Mais uma vez, mais uma vez, mais uma vez, fútil e imbecil iteração, nula informação.

(12) Ele quis mudar. Por que caminhava sempre numa única direção e num sentido somente?

Zenão partiu de Atenas a fim de embarcar para qualquer lugar na costa. Encontrarei em todo lugar um pescador, dizia ele. Tendo chegado à metade de sua viagem, alguns dizem à terça parte, outros à quarta parte, mas os mais avisados pretendem à enésima parte, ele infletiu um pouco sua direção, à direita, digamos de um quarto, como contam os marujos. Era fatal que ele chegasse ao segundo meio, ao segundo terço, ao segundo quarto, não sei; então, ele infletiu um pouco sua direção, à direita, digamos de um bom quarto como estimam os marinheiros. Ele viu, então, involuído numa região do espaço, à sua direita, uma espécie de cone, como uma cratera, um poço do qual não via o fundo. Zenão atola, não atola. Zenão atolará?

Zenão partiu de Atenas a fim de embarcar para Eleia. É preciso decidir, disse para si mesmo. Em primeiro lugar, garantir o recorte e saber onde ponho o pé, minha escolha se faz no inumerável,

metade, quarta-parte, décima milésima parte; em seguida, delinear bem meu ângulo de inclinação, esquerda ou direita, e definir qual abertura. Antes mesmo de partir, antes mesmo de escolher, o espaço diante dele se enchia, de um só golpe, de alçapões virtuais ou de buracos possíveis, de trincheiras ou de poços, de umbigos, de singularidades, soberbo, luxuriante. Não, não era mais um caminho de método, era muito mais um êxodo, ele tinha o sentimento um pouco extático de tirar seu futuro da cartola do ilusionista. Segundo sua escolha arbitrária, ele podia dizer por alto em qual região ele estaria em perigo de passar o resto de sua vida. Zenão escolhe, não escolhe, Zenão escolherá?

Zenão partiu de Atenas a fim de embarcar para Eleia. Isso se passava há muito tempo, isso se passou ainda há um momento. Sábio grego partiu firme, com passo regular. Eis, portanto, que na terça parte (digamos) do percurso, uma montanha aí lançada pelos deuses, criou um obstáculo ao seu avanço. Ele teve que fazer um (13) desvio para reencontrar seu verdadeiro caminho, aos dois terços do percurso. Este desvio fazia como que um ângulo em volta da montanha. Ele se engajou imediatamente na primeira das duas vias quebradas. Ora, na terça parte do novo percurso, uma colina, aí lançada por um deus, fez obstáculo. Ele teve que fazer um desvio para encontrar seu caminho, aos dois terços do novo percurso. O desvio fazia um ângulo em volta da colina. Ele se engajou na primeira dessas vias quebradas. Na terça parte desta via, um montículo, aí lançado por algum herói, se opôs. Daí, novamente, um desvio aos dois terços. Mais uma vez um ângulo em volta do montículo. Ele se engajou por esta via quebrada. Na terça parte, um monte de terra, aí lançado por algum camponês, está adiante. Desvio por um ângulo em volta do monte. Ele se engaja. Na terça parte, uma poeira, aí lançada pelo vento. Pequeno ângulo, sempre, em torno da poeira. Ele avança. Na terça parte, um átomo, aí lançado ao acaso, aos seus pés. Ângulo, giro sobre o átomo. Ele caminha. Quem vai lançar diante de Zenão, ainda, alguma partícula, para desviá-lo de seu curso, de seu retorno ao país natal? Zenão não passa mais. Não, Zenão passa. Passa? Mas o que se torna o próprio Zenão, diante da medida de von Koch?

Zenão, enfim, o verdadeiro Zenão ou o novo, Zenão de Eleia, de Atenas, de Paris, ou de onde vocês queiram, Zenão partiu daqui para ir embarcar para lá, para difíceis paragens. Por precaução, ele levou um potinho em seu bolso, onde os dados dançavam. Isto me poupará de decidir, ele disse; e, por outro lado, por temor dos deuses, dos semi deuses, das armadilhas, das sereias de boa sorte e de monstros da má sorte, dos camponeses, das circunstâncias e do vento, ele preferiu dirigir sua manobra. Isto dá no mesmo, ele disse, mas pouco importa. Desde então, ele sorteia o ponto de partilha onde para, diante da cadeia interminável das repetições, ponto em que ele muda, também, de sentido, sorteia também o comprimento de seus passos e, talvez, seu tamanho, sorteia a medida do ângulo no momento de fazer a curva, lança a sorte para todos os elementos, variáveis, de seu caminho, sorteia os elementos sobre os quais havia variado nos primeiros percursos.

A montanha, repentinamente, ficou vizinha do átomo, a rosa dos ventos do ângulo pequenino, o ácaro se estendia alguns (14) angstrons sobre sapatos de gigante, a proa rígida se constelava com a névoa das gotículas das ondas quebradas. As ordens não estavam mais em ordem, as ordens de grandeza não estavam mais ordenadas, nem os gêneros de formas: a rocha de Polifemo, a ilhota de Pantelleria, a grande ilha da Sicília e o continente italiano, são tirados à sorte por Netuno, não são alinhados como as pirâmides à sombra de Tales. Esta desordem introduzida na similitude produzia simplesmente o estado do hábito e do costume. O espaço de razão não mais dizia não ao espaço da vida e das coisas. Zenão não renuncia de modo algum à razão na louca profusão do concreto, mas aprende que a razão é um caso singular em uma tiragem, uma singularidade entre outras. Os percursos anteriores são pobres e particulares em relação a este último, o fiel e o afortunado.

Ele, então, sorriu docemente: talvez eu esteja longe de meu destino, não importa, ele disse. Mas acredito que não esteja mais tão afastado do real; não contem isso para ninguém.

O Zenão novo, de Paris ou de Londres, chamava seu método de rodeio, uma velha palavra de caça: *randon* que deu à luz dois parentes próximos e, no entanto, divergentes: o francês *randonée*, passeio, e o inglês, *randon*, o acaso, a oportunidade, a sorte, ele queria, pois, reunir os dois sentidos, através da Mancha, ou de Saint-Lorent.